

# HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM LINGUISTA... ARYON DALL'IGNA RODRIGUES: NA E SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA LINGUÍSTICA NO BRASIL<sup>1</sup>



Entrevistadores:  
Amanda Scherer (UFSM)  
Graziela de Angelo (UFSM)  
Juciele Dias (UFSM)  
Verli Petri (UFSM)

## 1 Conversa em andamento: memórias sobre viagens ao Rio Grande do Sul

(...) Da outra vez, quando estive em Santa Maria, vim especialmente. Eu vim e voltei. Foi, assim...

### Foi uma conferência?

Sim... Foi uma conferência que a Neusa (Carson) organizou nas Letras, uma conferência sobre Linguística. Mas no Rio Grande do Sul estive mais vezes, dando cursos de verão, como na antiga FIDENE, em Ijuí. Fiquei um mês lá, na época, e aproveitei para visitar Santo Ângelo...

<sup>1</sup> Entrevista realizada durante a Semana Acadêmica de Letras – 16 a 19 de outubro de 2007.

**Transcrição:** Kelly Fernanda Guasso da Silva, Luzianara de Lourenço Marques, Taís da Silva Martins e Tainise Pegoraro Gomes; **Revisão:** Viviane Biacchi Brust

### **Visitar as Missões?**

(...) as Missões, depois passei pelas Missões da Argentina também. Foi uma bela oportunidade.

### **É uma região linda!**

Linda, além de cultural e historicamente ser muito importante para quem olha para as populações indígenas, o estudo do caso, então... E, em Porto Alegre, estive diversas vezes, onde, inclusive, dei cursos. A Leonor Cabral foi minha aluna em Porto Alegre. A Leonor e a Leda (Bisol) também, não é?! Depois a Leda foi fazer mestrado comigo no Rio de Janeiro. E tem mais aluno aqui, o Balthazar Barbosa, que está na UNICAMP, também fez mestrado comigo.

Eu sou... não sou professor preso num lugar não (risos). Eu sou professor de vários...! Alguns tendem a ver isso como um defeito (risos). Mas a questão é ir desenvolvendo a coisa onde ela pode ser desenvolvida e não ficar amarrado onde não dá, onde não tem jeito!

## **2 O interesse pelas línguas indígenas: memórias escolares**

**Nós vínhamos falando antes, Professor, sobre a cidade de Tenente Portela e essa relação que existe com a questão indígena. queremos saber mais sobre o lugar que o senhor vem e como é que começou esse seu interesse pelas línguas indígenas?**

Pelas línguas indígenas particularmente, não é?! No ginásio, ginásio... ou segundo grau (hoje está tudo mudado!). Então isso foi nos tempos de Ginásio, já na segunda, na terceira vez que eu fiz a primeira série (risos).

Fiz três vezes a primeira série. Não se impressionem muito!(risos). Nunca se sabe como vai ser... Pense que um repetente está condenado... (risos) E, já na primeira série, eu estava um pouco com a cabeça à procura de coisas de língua de índio. E eram duas as fontes de informação, uma era o Museu Paranaense, bem típica, na qual meu irmão mais velho passou a ser assistente. Ele era estudante de pré-engenharia.

Ele pegou a fase em que, entre a 5ª série do ginásio, que era a última, e a universidade, havia dois anos de “o pré”: pré-medicina, pré-engenharia, pré-direito, coisa assim. E ele tinha passado para o pré, antigamente, pela Engenharia, e, como tinha interesse por Química, Física, ficou como voluntário no Museu Paranaense, na área de zoologia, ele era aberto para todo o lugar, ou não, disse ele: “não, Linguística não”.

Com isso, conheci a biblioteca do Museu e comecei a escarafunchar língua indígena, comecei um estudo do histórico-geográfico brasileiro, da Argentina também... Não sei de onde vem esta inclinação.

Mas, por outro lado, na terceira vez que eu fiz a primeira série do ginásio, tive um professor, um filólogo do Paraná, extremamente conservador e extremamente complicado na maneira de ensinar – eu acho isso, mas, claro, não se podia falar, era a minha percepção naquele tempo – que, felizmente, tornou-se membro de uma Comissão Nacional para o acordo luso-brasileiro sobre a ortografia – o primeiro grande acordo, lá em 1930 – e, por isso, saiu da escola. Ele foi como técnico brasileiro e nunca mais voltou para o Paraná e para o lugar dele, que era o catedrático em Língua Portuguesa do Colégio Estadual, pois os colégios públicos tinham cátedras...

Assim, para o lugar dele foi chamado Mansur Guérios, que é de Curitiba, mas tinha o seu lugar em Ponta Grossa como catedrático do Português do Colégio Regente Feijó. Ele se transferiu para o Estadual do Paraná e foi com ele que eu fiz, pela terceira vez, a primeira série de Língua Portuguesa e aí deslanchei, felizmente, pois era um estilo completamente diferente... O primeiro professor, quando a gente entrava na sala de aula, ele estava ali, na cátedra, tinha um... Como é que se chama?

### **O birô?!**

Sim, havia o birô dele, e ele lá em cima, dominando a turma toda, e a garotada, onze anos de idade, sentada ali, cadeiras numeradas. Ele fazia a chamada pelos números descobertos: “o... oito”, conferia e marcava a falta. Bom que nem sabia direito os nomes dos alunos, pelo jeito não sabia os nomes! E aquela rigidez, que ninguém podia deixar cair um lápis no chão; se deixasse, nunca poderia apanhar, só quando terminasse a aula... Coisa assim, impressionante, duas vezes seguidas, então... (risos).

Mas aí o Mansur Guérios era uma pessoa completamente diferente, uma pessoa cordial, comunicativa, dava aulas entre as carteiras e tal... “e você aí”, dizia, estimulando os alunos. Ele foi encarregado como responsável pelo jornal do ginásio, o Ginásio Paranaense Externato, bonito o nome, dado por ele.

Havia o Externato e havia o Internato antigamente. Eu peguei a fase em que o estado era responsável só pelo Externato e tinha deixado o Internato para quem o tinha criado, que era uma organização católica. O Internato era conhecido por o Seminário, Seminário do Bispo. O Internato ficou como escola particular, e o Externato como estadual e passou a se chamar Ginásio Paranaense Externato e, depois, mais tarde, Colégio Estadual do Paraná.

E, justamente, poeticamente, “Ginásio Paranaense Externato” (risos). Então, o Mansur Guérios convidou os alunos da primeira série, depois segunda série e tal, para colaborar. Foi na segunda série que eu resolvi colaborar. Ele disse: “Pode escrever uma anedota. Me dá o seu nome, série em que está e tal, tal, tal.”

Na segunda série, eu resolvi fazer um artiguinho para o jornal, só que eu escrevi sobre as diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani... (risos)

### **Já na segunda série?!**

Muita coisa, não é? Outra virtude do Mansur Guérios é que ele não era um maníaco da correção excessiva, só coisas grosseiras que ele corrigia. Ele dava matéria como ele tinha feito, organização tal, tal, tal. Para ele, aquilo era um jornal com estilo da meninada, um faz de conta que escreve melhor, que é capaz. Isso também foi um estímulo, porque, às vezes, o professor dá um trabalho que, quando retorna ao aluno todo marcado, rabiscado de vermelho, acaba desestimulando esse aluno. E saiu o artiguinho e depois, anos mais tarde, eu transformei-o num outro que foi publicado nos arquivos do Museu Paranaense. E, esse artigo acabou ficando mais significativo depois. Mas já fui aprendendo a fazer as referências bibliográficas, tudo, não dar como conhecimento próprio, mas como constatação. Esse aprendizado se deu na prática e foi se desenvolvendo assim.

**E é isso que a gente conhece, Professor, mais o que os outros autores vão falando a seu respeito. E quais seriam, dentro da sua trajetória, os momentos marcantes que o senhor destacaria? Como seria Aryon Rodrigues por ele mesmo?**

São quase sessenta anos...

### **São vários, não é, Professor?! Mas diga alguns pontos...**

Um ponto a mais, porque estou com oitenta e dois agora. Por exemplo, esse que estava comentando há pouco com vocês. Lá, no ginásio, foi em 1940, quarenta para agora são sessenta e dois anos. Se contar sistematicamente, são vários momentos...

### **3 O início dos Estudos Linguísticos e o aprendizado de línguas: um autodidata.**

Tinha muita Literatura Italiana, sim, e Linguística. Digamos que, até os anos 30, a Linguística Italiana tinha muito mais peso do que tem hoje. Naquele tempo, um dos grandes linguistas, na Europa, era um italiano, o Alfredo Trombetti. E ele (Mansur Guérios) tinha essa literatura toda, tinha importado da Europa e foi ficando um grande conhecedor de Linguística, sobretudo, da Linguística Histórica, da Linguística Comparativa Europeia.

Ele (Guérios), por iniciativa própria, também aprendeu Alemão para ler e lia muito em alemão, bons autores da Língua Alemã, linguistas alemães, indo-europeístas alemães, como Hugo Schuchardt, que é austríaco, mas que foi um dos iniciadores da Sociolinguística nos estudos crioulos. Tudo isso ele conhecia bem: citava nas suas aulas, organizava esse material e pesquisava também para seu livro.

O livro dele, que é bastante importante e quase ninguém conhece... – um dia desses, uma estudante da Federal do Paraná me mandou uma mensagem dizendo que está fazendo um estudo sobre Mansur Guérios, para ver quem foi essa figura, que depois foi ultrapassada, até mesmo pelos ex-alunos dele; mesmo lá, quase ninguém sabe quem foi o Mansur Guérios. Mas o livro dele, e sobre a história da Língua Portuguesa, é o único que conheço... Saiu nos anos de 1937, eu creio, em São Paulo e depois nunca se reeditou. A programação mudou, a história do Português perdeu importância nos cursos e é um currículo muito bem feito, e muita erudição linguística. Ele sempre estava lendo, lendo o que se produzia lá fora. Era também muito didático, muito claro. Para mim, foi muito importante, um instrumento importante. E ele já vinha desenvolvendo, desde o fim dos anos 1920, quando era estudante de Direito. Naquele tempo, ou se fazia Direito, ou Medicina, ou Engenharia, não havia outra possibilidade... 1920 e tanto... e não 1930 e tanto... A primeira Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) na cidade de São Paulo é de 1934 na USP.

Lá na USP, a própria universidade se constituiu daí, a FFCL surgiu para completar a constituição da universidade. Uma universidade não sai só com cursos de Engenharia, de Direito... precisa de outros cursos superiores. Então, o Mansur Guérios fez o curso de Direito, mas nunca exerceu a profissão, a educação dele era linguística, mais linguística do que filológica, o que fazia com que ele desse cunho linguístico aos seus trabalhos, comentava com o pessoal muito bem sobre os livros.

Ele, então, me emprestava os livros em Alemão, e eu comecei a arrANHAR a língua. Naquele tempo, era difícil carregar Alemão porque era o tempo do Estado Novo, era proibido, e os colegas, filhos de famílias alemãs, tinham medo... Eu perguntava “como diz isso em Alemão”, eles olhavam pra ver se não tinha ninguém por perto (risos) para me explicar, assustados. Era Estado Novo... Vocês aqui devem ter muita memória disso, isso é fortíssimo... Mas aí comecei a ler Alemão. Um dos meus colegas de ginásio me emprestou uma fila, uma cartilha, um dicionário da escola alemã para eu aprender a escrever em Alemão, mais o que eu tinha em casa... com isso, fui desenvolvendo meu Alemão .

**E o senhor guardou essa cartilha? Ela é feita no Brasil ou é feita na Alemanha?**

Talvez esteja em uma caixa... entre todas as que tenho lá em casa. (risos)

**Mas é uma cartilha feita no Brasil?**

Eu não sei dizer se é feita lá, mas é usada nas escolas alemãs daqui.

**É que no Rio Grande do Sul teve muito isso!**

Certamente, certamente muito mais que no Paraná. Mas aí eu passei e não perguntava se eu sabia muito ou não. Uma certa altura, eu perguntei se ele (Mansur Guérios) tinha uma gramática do Sânscrito e, também, se ele tinha uma gramática austríaca, escrita por um autor austríaco, em alemão. Ele, então, me emprestou e eu avancei em sânscrito e, no alemão, melhorei muito lendo alemão (risos), peguei o dicionário... (risos).

**4 Conversas cruzadas: do interesse por línguas à criação dos primeiros cursos de Letras no Brasil**

**Um autodidata nessa parte de línguas.**

Mas tinha que ser, não havia curso, não havia nada assim no Brasil, o jeito era ser um autodidata. Os que conseguiram ser assim, como eu, aprenderam alguma coisa; outros, não tinha jeito!

Não existia curso de Letras no Brasil. Os primeiros cursos de Letras foram justamente na USP. Houve um antes, mas era muito mais limitado. Em São Paulo mesmo, começou por volta de 1932, o dos Beneditinos de São Bento; depois começou a Faculdade de Filosofia de São Bento, mas era voltada para a formação dos sacerdotes, para o seu aperfeiçoamento.

## **Não era voltada para formação de professores?!**

Não, não para formação de professores. No início, para a formação de intelectuais, leigos e tal... Então a USP é que começa, em 1934, criando a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, quando os intelectuais reconheceram que havia várias áreas do conhecimento e que nelas não se formava ninguém no Brasil.

Porque aí a Engenharia tinha Matemática, ajudava formar matemáticos, mas só limitados à Engenharia Civil, construção; na Medicina, a Biologia tinha um espaço, mas era só em função da Medicina; e, no Direito, tinha algo de Ciências Sociais, mas só em função de consolidar os conhecimentos jurídicos, formar pesquisador de nada, nem de História, nem de Geografia, nem de Física, nem de Química, nem de Biologia, nada.

Havia algumas instituições soltas, como, no Rio de Janeiro, o Instituto Manguinhos, que se tornou, já cedo, o centro de pesquisa biológica; ou, em São Paulo, alguns centros como o Butantã, mas não eram institutos universitários, eram institutos de pesquisa, em parte, aplicada, mas que acabavam reunindo os poucos especialistas do país.

Então, o grande passo na criação da USP foi o reconhecimento dos intelectuais, apoiados por um governo mais inteligente, o do Armando Salles de Oliveira, para constituir uma universidade, tardiamente, só em 1934, quando começou a USP. Para preencher todo o vazio que havia, reuniu a Politécnica, a Engenharia, a Medicina... mas é que faltava toda a parte de pesquisa; isso foi com a Filosofia, Ciências e Letras, porque tudo era necessário, e aí começaram os departamentos de Letras.

Paralelamente, outra iniciativa semelhante, de igual mérito, houve no Rio de Janeiro, por parte do Anísio Teixeira, que era baiano, que era especialista em Educação, fez mestrado na cidade de Colúmbia nos Estados Unidos e voltou para o Brasil querendo desenvolver a Educação. Voltou para Bahia e lá se tornou Secretário da Educação da Bahia e, depois de lá, foi convidado para ser Secretário da Educação do Distrito Federal, que era no Rio de Janeiro, nos anos 1930. E, aí também, com o apoio do prefeito progressista, ele fez o projeto Universidade do Distrito Federal, a UDF. A Universidade do Distrito Federal também contava com as mesmas preocupações, pois o reconhecimento que se fez em São Paulo lá foi feito também: em algumas áreas, no Brasil, havia carência completa de especialistas. Quem iria ensinar? Quem iria importar? Trazer do exterior?

A USP trouxe especialistas da Alemanha, da França e de Portugal também. Aí há uma diferença nossa, porque a USP, para as Letras, foi buscar em Portugal um filólogo que veio construir as Letras aqui. Enquanto, no Rio

de Janeiro, buscaram o (Georges) Millardet, na França, não em Portugal. Na nossa área, que nos interessa mais diretamente. Assim, a UDF começou logo com Linguística, com o professor francês, enquanto a USP não, a USP começou com Filologia Portuguesa. Lá, no Rio de Janeiro, quem assistiu a aula desse primeiro professor foi um outro brasileiro que tinha se formado em Arquitetura - Letras não havia anteriormente –, era Mattoso Câmara Jr.

Mas ele nunca exerceu a profissão e passou a dar aulas particulares de Inglês, de Francês... a vocação dele era essa. Foi professor de Inglês muito tempo e foi autor de livros didáticos, inclusive, livros que não se usam mais. O mercado de livros didáticos é um mercado infame, é toda uma prática editorial, comercial, em que um autor submerge os outros e é promovido ao sucesso pelas editoras, e os outros caem no esquecimento, por melhor que estejam ou por melhor que sejam. Mas o Mattoso Câmara, por interesse linguístico, foi assistir às aulas da UDF e participava das discussões que o professor promovia, naturalmente.

Quando terminou o contrato com o professor Francês, quem coordenava o curso era o professor, o filólogo Sousa da Silveira e ele perguntou ao colega francês a quem ele deveria dirigir-se na França para trazer uma substituição. Ele respondeu: “Há vários, mas vocês têm aqui uma pessoa que poderia assumir, ‘Messiê Matosô’”. (risos). Ele, então, resolveu experimentar o Mattoso, e Mattoso Câmara Jr. tornou-se o primeiro professor – brasileiro – de Linguística no Brasil.

### **Como se deu sua relação com Mattoso Câmara Jr.?**

Foi um pouco depois... foi um pouco tardia minha relação com o Mattoso... Você quer dizer pessoalmente ou de livros? **O Princípios de Linguística Geral** é de 1942, a primeira edição, e o Mansur me deu um volume de presente de Natal, está com a dedicatória dele. O Mansur foi muito importante para mim. E foi aí que fiquei sabendo do livro dele, e tenho a 1ª, a 2ª, a 3ª e a 4ª edição, que foi a última, justamente quando ele faleceu. Eu só o conhecia através de livros; pessoalmente, foi só quando eu voltei do meu doutorado na Alemanha.

Eu voltei em um cargueiro, que era mais barato que um transatlântico de passageiros, pois quem pagou fui eu, não foi nenhuma fundação. O cargueiro parou alguns dias no Rio de Janeiro para descarregar, antes de seguir para Santos e então eu aproveitei para fazer uns contatos na cidade. E eu sabia que ia encontrar lá alguém com quem eu já tinha tido outros contatos, era o Darcy Ribeiro, que, na época, estava trabalhando com o Anísio Teixeira, que, por sua vez, tinha sido curador da UDF, a qual havia

sido destruída pelo Estado Novo. Em São Paulo, foi a USP que sobreviveu ao Estado Novo, existe até hoje, mas a UDF acabou sendo destruída em 1938. E acabou-se a Linguística do Mattoso Câmara também – que foi extremamente curta, porque acabou-se a universidade, e o ministro transformou a UDF na Faculdade Nacional de Filosofia Ciências e Letras, no modelo da USP, generalizou o conceito de FFCL. Só que as do Rio de Janeiro ficaram tendo o adjetivo Nacional, e a universidade do Brasil, criou-se a Universidade do Brasil no lugar da UDF, reunindo as velhas Engenharia, Medicina...todas nomeadas como Faculdades Nacionais de... e o acervo e as instalações da UDF foram transformadas em FNFCL e nessa faculdade não tinha lugar para a Linguística. Acabou a Linguística no Brasil, fora a cabeça dos que trabalhavam com isso, e eram pouquíssimos, o Mansur Guérios no Paraná, o Mattoso Câmara no Rio de Janeiro... O Mattoso ficou de fora, não foi nem dado lugar para ele lá. É... .isso faz parte da história da Linguística, ela foi abortada em consequência do golpe de estado.

Mas, quando eu voltei da Alemanha, eu procurei o Darcy e ele fez uma reunião, ligou para o Mattoso Câmara, para a Ione Leite, que estava no Museu Nacional, e houve um encontro que acabou sendo na casa do Mattoso. Isso foi em 1960. Foi aí que eu conheci o Mattoso e daí por diante fomos amigos até ele falecer.

**Professor, eu vou aproveitar esse gancho e vou perguntar para o senhor sobre a relação da implementação da disciplina de Linguística, que foi uma resolução do Conselho Federal de Educação. Conta para a gente quem colaborou para esta implantação, como colaborou para que pudesse ocorrer essa institucionalização.**

Quando eu me licenci em Letras Clássicas, em 1950, eu estava dando aula em colégio particular – de Francês, de Português e de Latim -, mas aí eu combinei com um colega que tinha feito Geografia, História e estudado Antropologia, de irmos visitar um grupo indígena, nunca tínhamos feito isso. Nós escolhemos uma localidade, a Mangueirinha, que é no Sudeste do Paraná, fronteira com Santa Catarina. Pegamos o ônibus e fomos para lá. Havia os Guaranis e os Kaingangues, separados. Nós ficamos com os Kaingangues. Eu pela língua, ele pela cultura. A História era o curso em que havia Etnografia, e eu tinha feito Letras Clássicas, não tinha a matéria da Linguística; mas, lá com os índios, eu me dei conta que fazia falta a Fonética. Eu tinha só leituras sobre Fonética, faltava a prática. Quando eu voltei para Curitiba, me dei conta que não aprenderia Fonética lá, nem em São Paulo, nem no Rio de Janeiro; então, teria que sair do Brasil se quisesse aprender.

Encontrei duas possibilidades, com bolsa é claro: ou ia para os EUA, ou ia para a Europa, para a Alemanha. Para a Alemanha era difícil, mesmo dez anos após a guerra, ainda havia muita reserva em respeito àquele país. Mas, justamente um professor alemão, da faculdade, que veio emigrado, em função da guerra, para o Brasil, me disse para ir para a Alemanha. Ele me disse para ir para Munique, pois lá havia o melhor centro de Linguística e também havia boa Fonética. Então, ele conseguiu a papelada do consulado para eu tentar uma bolsa em uma fundação alemã, a fundação Alexander Von Humboldt, que estava retornando às atividades, pós-guerra, justamente naqueles anos ali, estimulando o intercâmbio. Preenchi e me candidatei, veio a resposta positiva e eu tinha que praticar o Alemão, pois o que eu sabia da língua era do dicionário.

Só que a fundação escreveu que eu tinha sido contemplado com a bolsa, mas isso não incluía a passagem. E me disseram que quem complementava as passagens era a CAPES, que estava fundada pelo Anísio Teixeira, há alguns anos. Pedi então as passagens e recebi uma carta lamentando que a área de Letras não estava entre as suas prioridades. Eu escrevi para a fundação da Alemanha dizendo que, infelizmente, não poderia ir porque a instituição aqui não possuía recursos no momento. Eles me responderam, dando seis meses para eu conseguir as passagens, mas a bolsa não poderia ser deslocada. Eu perderia um semestre de bolsa, mas chegando lá, poderia me candidatar a outro ano de bolsa e poderia ficar mais tempo. Eu fiz isso. Fui juntando dinheiro, dando aula em cursinhos, até que comprei a passagem e fui. Cheguei lá no segundo semestre, que é março, primavera...

E quando eu voltei... A questão era: volto ou não volto? Volto para onde? UFPR? Fazer o quê?

Mas aí o professor José Loureiro Fernandes, professor de Antropologia, me escreveu e propôs que eu voltasse para Curitiba, para dar uma cadeira que tinha sido criada por decreto, uma dessas coisas loucas que acontecem no Brasil, a cadeira de Etnografia Brasileira em Língua Tupi-Guarani. Um decreto federal para todas as faculdades de Filosofia dos Brasil, uma cadeira à imagem e semelhança da que já havia na USP, regida pelo professor Plínio Ayrosa, que foi importante para a Linguística e que, apesar das críticas, teve o mérito de publicar, de fazer a edição de vários manuscritos antigos, do tempo colonial.

A essa altura, em São Paulo, os antropólogos estavam loucos da vida porque eles não podiam ensinar Etnografia Brasileira. O Curso de Antropologia da USP tinha um antropólogo importante, que era o professor alemão Willems, o qual só podia dar Antropologia Física (ossos, braços,

crânio e tal), mas a parte cultural ninguém podia dar porque pertencia ao Plínio Ayrosa, que não entendia nada disso, mas ele era o catedrático. Então os antropólogos estavam tentando superar essa situação, mas não havia nenhum catedrático de Linguística na USP para reclamar, pior para Linguística...

Então, o Loureiro Fernandes me escreveu – eu estava na Alemanha – propondo que eu viesse para dar essa disciplina que estavam propondo, pois pensavam que era importante. As universidades tinham que se virar para conseguir professor, pois havia poucos, e a maioria delas não instalou a tal disciplina, felizmente. Mas ele também negociou na faculdade a criação de uma cadeira de Linguística Geral. Então eu viria para a Linguística Geral, para as Letras e para a Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani nas Ciências Sociais. Aí eu topei e fiquei três anos na Federal do Paraná dando essas disciplinas.

## **5 Sobre a UNB e a configuração dos programas de pós-graduação**

(...) Você cria o centro de estudo das culturas e línguas indígenas, além do departamento, do centro, e tinha um pé no departamento de Linguística; outra cultura era no departamento de Antropologia, que era de língua e de cultura... eu fiquei coordenando isso também. O colega que ia assumir a Antropologia era o Eduardo Galvão, que estava em Belém do Pará, e também teve que atrasar, mais do que eu, para vir para Brasília. Eu fiquei coordenando a primeira fase desse centro, que nunca passou disso... quando se colocou outro problema no departamento, estavam discutindo a pós-graduação.

A nova Universidade de Brasília foi pioneira em institucionalizar a pós-graduação, com currículos em sistema de crédito, distinguindo mestrado e doutorado. Antes, a USP tinha uma iniciativa, no caso que nos interessa, mas a da USP era diferente, era só doutorado, não tinha mestrado, era à imagem da instituição francesa.

Na USP, não tinha sistema de cursos, de créditos, nada disso. Qualquer um que fizesse um trabalho que achasse que pudesse defender um doutorado em Letras ou Antropologia chegava lá, com a tese de baixo do braço e apresentava-a a um professor: se esse professor avaliasse que valia para doutorado, então, aceitava-a e a pessoa tinha sua inscrição aceita para doutorado, mais um tempo para ultimar o trabalho em sua casa, sem ser aluno da universidade, e aí fazia o exame; se passasse, montava-se a banca e era doutor pela USP.

Então, várias pessoas que não eram alunas da USP se tornaram doutores pela USP. Mas esse era o sistema que se achava na universidade, era uma espécie de um grande cartório (mas tinha um exame de qualidade que era a defesa), ninguém precisava ser aluno da USP para fazer doutorado lá.

Já o plano de Brasília não, era o que corresponde ao que, mais ou menos, se implementou depois, os cursos eram organizados e distinguidos em mestrado e doutorado. No departamento de Letras estava se discutindo isso, só que a ideia era aquela de que o candidato vem daquela linha reta para a coisa, sem formação de como fazia isso, tal, tal, tal, ou então, ao contrário, todos tinham a ideia de que, para fazer doutorado em “Letras”, tinha que ter um trabalho na área da Literatura, outro na Língua, outro na área tal e outro na área tal... quer dizer, deveria ser uma enciclopédia ou uma colcha de retalhos. Eu reagi a isso, porque minha experiência não é essa, minha experiência é na Alemanha, onde a gente faz doutorado e tem que ter duas áreas subsidiárias: a principal e duas subsidiárias, que são áreas mais ou menos correlatas. Eu, por exemplo, fiz meu doutorado em Fonologia, uma subárea foi a Linguística Africana e outra foi a Linguística Românica. Na Românica, eu tinha mais facilidade, vindo já das clássicas e, curiosamente, o currículo de clássicas era mais forte em Românica do que o currículo de Neolatinas.

A vantagem que se tinha nas clássicas, em virtude das Românicas, se quisesse quebrar o currículo das Românicas era isso: que a Filologia Românica era das Clássicas, e não das Neolatinas, incoerentes essas coisas

Mas aí, então, eu me coloquei em oposição a uma das pessoas mais fortes de lá, o Heron de Alencar, da Literatura Brasileira, que estava liderando a organização, e ele (de formação francesa) estava vendo a coisa diferentemente. Aí desenvolveu-se um debate muito forte, o que repercutiu na universidade inteira, pois não havia tido, ainda, uma discussão forte sobre coisas assim. A minha opinião, eu expliquei-a no papel, mostrando como que se organizam as coisas, as razões para isto e não aquilo, e acabou sendo aprovado o meu projeto; mas, mais do que isso, o reitor me convidou para ser o Coordenador Geral Da Pós-Graduação da universidade, o que hoje se chama de Pró-Reitor, e o que naquela universidade estava começando experimentalmente. Eu passei a coordenar a organização do pessoal da Pós-Graduação da Matemática, da Física, da Biologia, da Linguística... e a gente foi desenvolvendo, embora a universidade tivesse feito muito pouco, pela fase da universidade.

Começaram a sair as primeiras dissertações de mestrado em Linguística, que interessam a vocês aqui e a mim, particularmente, também.

Sáiram três de Linguística: a primeira foi a da Eunice Pontes, professora titular da UFMG, sobre a Fonologia do Português falado, o Português coloquial distenso (em contraste) com o tratamento do Matoso (Câmara), da Fonêmica, que diz que é o estilo coloquial tenso; com toda a razão, porque ele pegou a fala refletida. E ela fez não para contrapor, mas para ter a complementação, pegar o Português falado em entrevistas gravadas, que o Matoso não tinha como usar. Ela fez isso no Rio de Janeiro mesmo, saiu a dissertação e, depois, ela publicou.

A segunda dissertação foi da Marta Vargas de Oliveira Coelho, que depois se tornou professora da UFRJ, e hoje está aposentada; é uma gaúcha, sobrinha-neta do Getúlio Vargas, de São Borja (o Coelho era do marido, que era advogado e se tornou advogado da universidade, gaúcho também); a Marta fez a dissertação dela sobre uma Língua Africana, sobre o Congo, de São Marques. Nós usamos esse rapaz como informante de Linguística. Nós localizamos esse rapaz (porque não tinha índios no campus) e só conseguimos isso porque ele foi estudar economia na UNB, pela Universidade de São Marcos, de Moçambique. Ele era falante nativo da língua... para o linguista, não importa se o falante é índio, africano ou chinês... Então, a Marta se interessou e resolveu continuar trabalhando com ele e, aprofundando, fez a dissertação de mestrado sobre a fonologia daquela língua.

O terceiro mestrado foi o da Gilda Maria Correia de Azevedo, uma curitibana, também, que foi orientada por mim, trabalhando na gramática da Língua Indígena Kariri: descrição do dialeto Kipeá, com base em um documento do século XVII de um padre jesuíta italiano. Aqui no Brasil não eram só padres portugueses que pertenciam à província portuguesa, mas havia italianos, alemães, franceses e espanhóis... Anchieta, das Ilhas Canárias, Canabarro... nem todos eram portugueses, mas pertenciam à colônia portuguesa. O padre que fez esse dicionário do baixo São Francisco era italiano, era uma gramática excelente que foi publicada na época de 1600. Então, nós fizemos uma reanálise, isto em termos da corrente da Linguística que estava se praticando na época, o Estruturalismo.

Essas são as três primeiras dissertações de mestrado em Linguística do Brasil, todas defendidas e aprovadas regularmente.

Acabou a UNB em 1964, quando houve o golpe militar. O Darcy Ribeiro, que era um dos orientadores da universidade, teve que se exilar – para não ser liquidado pelo regime – no Uruguai, em Montevidéu, e teve que ficar exilado. O Anísio Teixeira, que estava formalmente como reitor, foi destituído pelo Castelo Branco e ficou no Rio de Janeiro até sofrer um acidente – que todo o mundo desconfia que foi causado. Foi ele quem

me recebeu quando eu cheguei na universidade, pois estava exercendo a reitoria provisoriamente, porque o Darcy Ribeiro não tinha assumido ainda, custou um pouco para assumir, porque tinha coisas para liquidar no Rio de Janeiro. Quando veio o golpe militar, ele já estava em Brasília, mas quando eu cheguei, em 1963, ainda não. O Darcy tinha deixado a reitoria porque tinha sido nomeado, pelo presidente da república – que era gaúcho, o Goulart –, chefe da casa civil. Todos os militares ocupavam posições-chave no governo Goulart. Foi Mateus Rocha, para a surpresa de muitos de vocês, um frade dominicano quem estava respondendo pela reitoria, o Frei Mateus Rocha. Para vocês verem, os dominicanos também estavam no alto da revolução, da dita revolução dos militares, porque, na igreja católica, eles eram os pensadores mais de esquerda, que estava simpatizando, dando apoio à universidade.

Fico aqui falando de coisas que não tem a ver diretamente... e acaba o tempo...mas tem a ver, sim...

A Universidade de Brasília quase que não pode ser fundada, porque houve uma oposição muito grande, já porque os criadores Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e todos os associados eram pessoas liberais e havia uma onda muito forte de direitismo no Brasil entre os civis. Juscelino Kubitschek era o presidente quando foi criada a universidade; e ele estava sofrendo uma pressão muito grande para que a instituição não fosse criada pelo Anísio Teixeira. Naquela época, tinha fechado a UDF que ele tinha criado no Rio de Janeiro; então, a oposição era muito forte, muito difícil, e tinham que convencer o Juscelino de que não era isso não. Então, o que se oferecia ao presidente em troca de não deixar desenvolver a Universidade de Brasília?... Abrir uma católica dos jesuítas, como havia no Rio de Janeiro, a PUC do Rio de Janeiro, que era dos jesuítas também. A força era muito grande aí, e a esposa do Juscelino, muito católica... Pelo jeito que foi imaginado pelo Darcy Ribeiro: vamos procurar a ala esquerda da igreja, que são os dominicanos, que são os grandes opositores dos jesuítas na igreja católica... e acertaram com eles e planejou-se a universidade.